

## Categorias antropológicas nos Catálogos Trienais da Companhia de Jesus

Anthropological categories in Catalogs Triennial of Jesus Company

*Lidiane Ferreira Panazzolo*<sup>\*</sup> y  
*Marina Massimi*<sup>\*\*</sup>

### Resumo

O presente estudo intenta analisar qual possível concepção de homem estaria relacionada à escolha do envio membros da Companhia de Jesus para diferentes localidades, sob a perspectiva da História dos Saberes Psicológicos. Para tanto foi analisada a categoria dos temperamentos nos catálogos trienais do Brasil, Portugal, Japão no período de 1654 a 1660. Percebe-se o predomínio da compleição Colérica na maioria dos catálogos analisados enquanto os demais temperamentos variavam. Tais fatos sugerem que talvez o temperamento colérico seja uma característica comum aos membros da ordem ou que a conjuntura sociopolítica dos referidos países favorecia a escolha de membros que correspondessem melhor a esse tipo perfil, enquanto os demais variavam a depender das demandas locais.

**Palavras Chaves:** Companhia de Jesus - Catálogos Trienais - Teoria Humoral - Saberes Psicológicos – colonização portuguesa.

---

\* Psicóloga graduada pela Faculdade de Filosofia Ciências e Letras da Universidade de São Paulo Campus Ribeirão Preto.

\*\* Professora Titular Faculdade de Filosofia Ciências e Letras Universidade de São Paulo Campus de Ribeirão Preto.

**Abstract**

This study attempts to analyze what possible conception of man is related to the choice of sending the members of Society of Jesus to different locations, from the perspective of the History of Psychological Knowledge. Therefore were analyzed the category of temperament in the triennial catalogs of Brazil, Portugal, Japan in the period from 1654 to 1660. It perceives the dominance of Choleric complexion in most catalogs analyzed while the others temperaments were varied. These facts suggest that perhaps the choleric temperament is a common feature to the members of the order or that the socio-political situation of the countries favored the choice of members that corresponded best to this type profile, while the others varied depending on local demands.

**Key words:** Society of Jesus - Triennial Catalogues - Humoral Theory - Psychological Knowledge - Portuguese colonization.

**Recibido: 7 de mayo de 2015**

**Evaluado: 19 de mayo de 2015**

## Introdução

O presente trabalho intenta analisar, sob a perspectiva da História dos Saberes Psicológicos, os catálogos trienais da Companhia de Jesus advindos do Brasil, Portugal, Japão, no período de 1653 a 1660, buscando comparar e compreender quais seriam os critérios da escolha do envio dos vocacionados para diferentes localidades; e de qual concepção de homem eles derivariam. Tais documentos encontram-se disponíveis em sua integridade e organizados digitalmente no formato de imagem no Arquivo da Cúria Geral dos Jesuítas em Roma (ARSI).

Os catálogos trienais dos Jesuítas são compostos por documentos periodicamente atualizados e enviados para a Companhia no intento de registrar e sistematizar a situação da Ordem nos seus diversificados contextos de atuação missionária<sup>1</sup>. Além disso, remontam a uma necessidade de organização da Companhia de Jesus para atribuição de atividades e de locais de envio dos missionários.

Tais catálogos dividem-se em três partes: os Catálogos Primeiros, que informavam dados objetivos (nome, localidade, formação, tempo na Ordem, etc.). Os Catálogos Segundos eram de acesso restrito ao Padre Geral e ao Provincial e continham informações acerca das características de cada membro da Companhia presente nas residências de cada província. Para redigir estas informações, o autor do catálogo se utilizava de categorias e classificações que diziam respeito a aspectos psicológicos, somáticos e comportamentais de cada membro da Companhia<sup>2</sup>. Dessa forma, esta parte dos registros é tida como a mais importante no que concerne aos Saberes Psicológicos da época. Por fim, havia nos catálogos uma terceira parte, referente aos recursos (humanos e materiais) que cada casa ou Colégio jesuíta dispunha na época<sup>3</sup>.

Os Catálogos Segundos, os quais serão abordados no presente estudo, eram confeccionados na forma de texto ou de tabelas e continham as características principais listadas: *engenho, juízo, prudência, experiência, compleição* (ou temperamento) para os quais eram atribuídas apreciações como *bom, exíguo, medíocre* entre outras e, por fim, havia categoria *talento* que sugeria uma possível função adequada para o vocacionado exercer tendo em vista as atribuições dadas às suas qualidades principais (*oficium*). Tais atribuições respaldavam-se não somente no julgamento dos Padres responsáveis pela confecção dos catálogos, mas também em outras fontes, como as cartas e resumos autobiográficos nas quais missionários escreviam para a Ordem relatando suas experiências e reflexões acerca do autoconhecimento obtido em suas experiências cotidianas, tendo como matriz teórica a Medicina da alma e o conhecimento que se tinha na época da teoria dos humores e temperamentos.

A medicina da alma ou do Animo, remete à tradição iniciada por Platão, seguida por diversos teóricos, e posteriormente adotada pelo cristianismo com uma dimensão religiosa e espiritual<sup>4</sup>. Tal teoria estabelece uma analogia entre a alma e o corpo,

<sup>1</sup> Massimi, 2010: 26.

<sup>2</sup> Ibid.: 28.

<sup>3</sup> Ibid.: 29.

<sup>4</sup> Massimi, 2001: 628.

pressupondo a existência de enfermidades da alma, um conceito médico e filosófico que afirma a unidade psicossomática característica do ser humano<sup>5</sup>:

*O principio unitário da saúde é o equilíbrio, de modo que qualquer desequilíbrio, seja no corpo seja no espírito, é causa de doença. É assim que, por exemplo, um desequilíbrio no sentido de um excesso ou defeito nos movimentos do apetite sensorial (=paixão), pode provocar doenças corporais e psíquicas. Da mesma forma, a diversidade na composição dos humores do corpo (complexão) origina diferentes temperamentos psicológicos, mas um excesso ou defeito de um ou outro humor pode degenerar em patologias psíquicas e físicas<sup>6</sup>.*

Em sua obra, o médico espanhol Huarte de San Juan, autor da obra *Examen de Ingenios para las Ciencias* (1574), estabelece correspondências entre a Medicina do corpo, a Medicina do Animo e a construção política e social, segundo a qual o corpo social é estruturado analogamente ao homem, que é um microcosmo<sup>7</sup>. Os jesuítas se apropriaram desta lógica de entendimento profundo do ser humano e do destino que lhe compete, tornando possível vislumbrar o direcionamento da vida espiritual dos indivíduos, tendo em conta os diferentes modos de conversar, agir e lidar com os sujeitos, acomodando-se à compleição que apresentam<sup>8</sup>. Após Aquaviva empregar o termo *médico espiritual*, referindo-se aos padres e as funções que empreendem no plano de orientação espiritual, atividades missionárias e pedagógicas, este termo permaneceu na literatura jesuítica<sup>9</sup>. Dessa forma, a medicina da alma (ou do espírito) para os jesuítas refere-se ao conhecimento do ser humano e de sua dinâmica psicológica por meio da inserção na comunidade ou meio religioso em que desenvolve a missão, visando à adaptação deste ao contexto social<sup>10</sup>.

A Teoria dos Temperamentos (ou compleição) refere-se a um corpo de conhecimento racional e unificado, utilizado como modelo explicativo para a relação entre saúde e doença e das características dos indivíduos<sup>11</sup>. Segundo a teoria, havia um conjunto de qualidades (quente, frio, úmido e seco) que advinham da mistura de elementos corporais, sendo que a concepção de doença (física ou psíquica) era atribuída ao desequilíbrio entre os mesmos<sup>12</sup>. Tais elementos corporais, os humores, tidos por definição como fluidos corporais essenciais ao funcionamento do organismo, eram sangue, fleuma, bílis amarela ou vermelha e, por fim, bílis negra<sup>13</sup>. O sangue seria composto pela mistura dos quatro humores e correria intravenalmente para nutrição do corpo e para veicular a compleição<sup>14</sup>. A Medicina da época acreditava que o

<sup>5</sup> Ibid.: 628.

<sup>6</sup> Massimi, 2001: 628.

<sup>7</sup> San Juan, 1989; Citado por Massimi, 2001: 629.

<sup>8</sup> Massimi, 2001: 629.

<sup>9</sup> Ibid.: 630.

<sup>10</sup> Ibid.: 630.

<sup>11</sup> Siraisi, 1990: 101.

<sup>12</sup> Ibid.: 101.

<sup>13</sup> Ibid.: 104-105.

<sup>14</sup> Ibid.: 105-106.

balanceamento humoral repercutiria na disposição física e psicológica da pessoa, bem como na classificação de traços de caráter por meio de uma categorização comum dada aos sujeitos, entre colérico, melancólico, fleumático e sanguíneo, e as combinações destes<sup>15</sup>. Segundo esta concepção, todos nasceriam com uma compleição inata, que poderia sofrer alterações devido a fatores como a localização geográfica, condições climáticas, idade e o sexo, por exemplo, cada qual favorecendo o esfriamento ou aquecimento de um temperamento.

Na mentalidade cristã da Antiguidade e da Idade Média, acreditava-se que a teoria dos temperamentos tinha implícita, na conjunção dos elementos citados, as causas que determinavam a natureza do homem e de suas qualidades morais, respaldando-a em uma base filosófico-religiosa<sup>16</sup>. Assim, pode-se depreender que, os jesuítas, ao utilizarem os catálogos visando deter um controle sobre a quantidade de seus sócios bem como suas características principais, tinham na teoria dos temperamentos uma fonte imprescindível para organizar e distribuir adequadamente os membros da Ordem para lugares e missões, levando em conta sua compleição própria e outras características<sup>17</sup>. Tem-se, portanto, que determinadas compleições eram mais adequadas não somente à região para a qual o missionário seria enviado como também em relação a qual ministério missionário lhe seria atribuído.

### As missões nos diferentes Países

Os membros da Ordem no país a que se destinavam tinham funções políticas e sociais, a depender do contexto sócio-político e da importância atribuída às Províncias destinatárias.

A Companhia de Jesus foi fundada em 1540 por Inácio de Loyola e seus companheiros da Universidade de Paris, num momento histórico crucial marcado pelo Concílio de Trento em que se condensou a resposta da Igreja Católica ao avanço do Protestantismo nos países Europeus<sup>18</sup>. Portugal foi a primeira nação cuja Coroa solicitara a presença em suas colônias da Ordem religiosa recém-criada, pois já era de conhecimento de João III a existência da Companhia de Jesus por meio de Diogo de Gouveia, Diretor do Colégio de Santa Barbara onde estudou o fundador da Companhia<sup>19</sup>. Com a chegada dos jesuítas a Portugal, logo receberam o apoio real, fato que repercutiu em uma grande influência nos círculos sociais mais altos, e que também que suscitou certa hostilidade com membros de outras ordens<sup>20</sup>.

Atendendo à solicitação João III, um dos primeiros sócios da Companhia, Francisco Xavier rumou para a Ásia intentando realizar missões de cristianização, enquanto a Simão Rodrigues continuou em Portugal, cabendo a ele organizar o trabalho

<sup>15</sup> Ibid.: 106.

<sup>16</sup> Ibid.:102.

<sup>17</sup> Massimi, 2010: 28-29.

<sup>18</sup> Disney, 2009: 186.

<sup>19</sup> Ibid.: 187.

<sup>20</sup> Ibid.: 187-188.

dos missionários neste país<sup>21</sup>. Os membros da Companhia de Jesus residiam em Lisboa, Coimbra, Évora e várias Províncias, e o número de noviços cresceu consideravelmente no País. As demandas educacionais de Portugal levaram os membros da Ordem a se responsabilizarem pela educação secundária e Superior dos membros da Companhia e dos filhos das elites locais<sup>22</sup>. Desde então, diversos colégios que funcionavam com base nos métodos de ensino jesuítas foram fundados em Portugal como o Colégio de Santo Antão em Lisboa, o colégio de Coimbra e a Universidade de Évora<sup>23</sup>.

Lopes, A. (1997) caracteriza o momento vivenciados pela Companhia de Jesus, correspondente aos anos de 1542 a 1759, como o período em que os jesuítas portugueses melhor souberam ler os “*sinais dos tempos e as características da Sociedade portuguesa*”<sup>24</sup>. Sendo esta descrita como uma sociedade tocada pela curiosidade humanística que ainda vivenciava a carestia de instrução em todos os níveis. Neste caso, os colégios Jesuítas puderam responder suficientemente em qualidade às exigências que caracterizavam o homem naquele momento<sup>25</sup>.

A rede de ensino da Companhia de Jesus em Portugal era composta por uma Universidade e vinte e oito Colégios. Destes alguns eram voltados a uma cultura de base, respaldada em um ensino elementar de ciências letras e matemática; já os grandes Colégios detinham uma formação mais exigente como o Curso de Artes, que envolvia disciplinas de Filosofia, Ciência e Humanidades num grau superior e a Universidade de Évora, que explorava vários ramos da Teologia<sup>26</sup>. Em conformidade ao pensamento da época, os colégios jesuítas promoviam uma rede internacional de conhecimento estabelecendo intercâmbios intelectuais com outras Universidades e eliminaram na sua proposta pedagógica fatores como a duração excessiva das lições e de exercícios de piedade. Também buscavam introduzir princípios Inacianos derivados dos *Exercícios espirituais* com o intuito de formação do homem em sua integralidade<sup>27</sup>. Os exercícios espirituais foram escritos por Inácio de Loyola e são um compêndio de instruções para a realização de um conjunto de práticas religiosas cujo objetivo é levar o praticante a experimentar a renovação e transformação espiritual<sup>28</sup>. Os exercícios são compostos de quatro semanas, das quais as duas primeiras se destinam ao conhecimento do núcleo principal e dos objetivos a serem alcançados; as demais se destinam à integração e aprofundamento refletidas à luz dos mistérios de Cristo, levando o seu praticante à correção de más inclinações e ao encontro e responsividade à vontade de Deus<sup>29</sup>.

Um excerto bastante interessante resume os ideais pertinentes à caminhada pedagógica nos colégios:

---

<sup>21</sup> Disney, 2009: 188.

<sup>22</sup> Ibid.: 188-189.

<sup>23</sup> Ibid.: 188.

<sup>24</sup> Lopes, 1997: 86.

<sup>25</sup> Ibid.: 87.

<sup>26</sup> Ibid.: 87

<sup>27</sup> Ibid.: 87

<sup>28</sup> Mota, 2003: 141-142.

<sup>29</sup> Ibid.: 142.

*Na medida em que souberem «aplicar o discernimento espiritual», na busca do bem mais universal e do serviço mais necessário, mais urgente e mais eficaz; na medida em que se debruçarem sobre a cultura ambiente, assimilarem a língua, na medida em que melhor conhecerem a «circunstância política e social» do Colégio, e, sobretudo, a personalidade de cada aluno — num acompanhamento de muito respeito e amizade — encontrarão, depois de «muito peregrinar» — como Inácio, Xavier e tantos outros — a pedagogia e as estratégias mais adaptadas e mais eficazes, para cada momento, para cada situação, para cada cultura, para cada região, para cada povo, para cada comunidade e para cada indivíduo<sup>30</sup>.*

O trecho permite verificar que os ensinamentos inacianos eram enraizados nas praticas e vivencias de modo semelhante seja nos colégios ou os contextos de evangelização por todos os vocacionados da Ordem. Com isso, os ensinamentos e métodos utilizados pelos jesuítas tornaram-se tão reconhecidos que, em 1547, eram responsáveis por enviar missionários para a Índia, Brasil e África e suas escolas não supriam à demanda de vagas para novos ingressantes<sup>31</sup>.

A qualidade do ensino era priorizada e, portanto, havia grande rigor nos métodos de seleção e ensino de missionários ao seguir alguns requisitos como aptidão para os estudos, boa índole, capacidade de comunicação e aprendizagem dos idiomas, mas principalmente vontade e vocação para seguir a missão<sup>32</sup>. Com o passar dos anos, a Companhia de Jesus cresceu consideravelmente no número de Colégios e Missionários sendo que alguns acompanharam os colonizadores nas diversas missões para a América e para os países Orientais, enquanto outros permaneciam na metrópole trabalhando nas escolas e ampliando o alcance do ensino para além das elites. Assim, os vocacionados que permaneciam em Portugal trabalhavam com ensino, catequização, assumiram responsabilidades no Hospital real e no trabalho com presos, sendo posteriormente convidados a trabalhar como confessores e instrutores espirituais dos prisioneiros da Inquisição. Também foram convidados a serem responsáveis pela Inquisição em Lisboa e Coimbra, mas declinaram o convite<sup>33</sup>.

No que concerne aos ensinamentos e à evangelização dos povos nas terras além-mar, a ação da Companhia se caracteriza pela maior assimilação possível da cultura, da língua, da história, da psicologia e da maneira de ser dos povos a se evangelizar, chegando a viver como eles se necessário, a exemplo de Francisco Xavier nas terras do Oriente de modo que quando os missionários despojavam-se de suas próprias culturas ocidentais e modo de ser europeizado é que ocorreram belos e efetivos momentos da missão<sup>34</sup>.

O trabalho dos Jesuítas fora na metrópole portuguesa envolve as colônias, dentre as quais tem-se a Terra de Santa Cruz, que viria a se tornar o Brasil. Os primeiros jesuítas, comandados chegaram ao Brasil em 1549 acompanhados de Tomé

<sup>30</sup> Ibid.: 85.

<sup>31</sup> Costa, Crubelati & Montagnoli, 2011: 16.

<sup>32</sup> Ibid.: 16.

<sup>33</sup> Disney, 2009: 188-189.

<sup>34</sup> Lopes, 1997: 85.

de Souza, primeiro Governador-geral para se dedicar à atividade missionária principalmente de catequização dos indígenas<sup>35</sup>.

Muitas dificuldades foram encontradas nesse processo e os membros da Companhia tiveram que elaborar métodos mais eficazes de enfrentamento, como o domínio da língua indígena e a aproximação desses povos com seus colonizadores por meio da política de aldeamentos<sup>36</sup>, sendo estes essenciais para que houvesse progressos na evangelização dos povos nativos. Tais sugestões partiram de iniciativas de missionários em diversas colônias, sendo que os relatos comprovaram a eficácia da aprendizagem da língua nativa em médio prazo, evocando certa inovação para os métodos missionários e resultando na adoção de uma política linguística pela Companhia, a qual tornava atributo e pré-requisito a aprendizagem da língua nativa para o envio de missionários para o Brasil e demais colônias<sup>37</sup>.

Apesar das dificuldades, os membros da Companhia conseguiram resultados bastante significativos durante os primeiros vinte anos de trabalho, quando foram instalados quatorze aldeamentos no nordeste brasileiro, porém, a partir de 1580 a situação piorou e este número foi reduzido<sup>38</sup>. Na época da União Ibérica, agravaram-se as dificuldades em assegurar o sucesso do projeto missionário idealizado pela Companhia<sup>39</sup>.

Tais fatos estavam ligados à proximidade entre as vilas e as aldeias, que facilitava a disseminação de doenças contagiosas e a escravização do gentio, assim como à existência de conflitos violentos e constantes entre a colônia e as populações nativas, que resultou na dizimação e fuga da população nativa<sup>40</sup>. Os problemas se estendiam também ao âmbito interno das aldeias: além dos conflitos que marcavam as relações políticas entre os missionários e as autoridades locais, há relatos de casos específicos de negligências de funções ou abusos cometidos por jesuítas que permaneciam tempos prolongados nas aldeias<sup>41</sup>. O conhecimento da coroa e dos padres superiores da Ordem acerca dos abusos praticados em relação aos índios (excesso de violência, o pecado sexual e a negligência espiritual) ou em relação a outros jesuítas (desobediência a superiores, negligência a subordinados ou inimizade com outros padres) levada à promulgação de normas e ao incentivo de visitas com a intenção de coibir esses atos<sup>42</sup>. Assim, o contexto era bastante complexo e se modificava constantemente, exigido adaptabilidade dos missionários à conjuntura com a qual se relacionavam.

No momento em que o projeto missionário enfrentara grandes dificuldades no contexto colonial, outra frente de atuação adquiriu força e se consolidou na colônia: o

<sup>35</sup> Santos, 2007: 66.

<sup>36</sup> Castelnau-L'Estoile, 2006: 159-164.

<sup>37</sup> Ibid.: 159-164.

<sup>38</sup> Santos, 2007: 66

<sup>39</sup> Santos, 2007: 66.

<sup>40</sup> Ibid.: 67.

<sup>41</sup> Castelnau-L'Estoile, 2006: 238.

<sup>42</sup> Ibid.: 258.



trabalho nos colégios<sup>43</sup>. Tal questão revelou-se bastante controversa: uma vez criadas as instituições escolares, ocorreu que muitos missionários, preferiram atuar nos colégios ou na educação dos colonos, ao invés de trabalhar nas aldeias indígenas<sup>44</sup>, distanciando-se dos ideais inicianos do “fervor missionário”<sup>45</sup>. Quanto a isso, Castelnau-L’Estoile, comenta:

*No final do século XVI, a província do Brasil parecia em muitos aspectos com uma missão europeia: os jesuítas se ocupavam da educação das elites nos colégios, das pregações de Quaresma e de Advento, das confissões para as populações europeias das cidades. Numerosos eram os jesuítas da província ocupados nessas tarefas que não se consideravam missionários*<sup>46</sup>.

Os pregadores foram figuras essenciais na conjuntura das Terras de Santa Cruz. Um bom pregador tanto para a sociedade, quanto para as Ordens religiosas era imprescindível e este muitas vezes exercia funções políticas e sociais bastante importantes: eram tidos como os verdadeiros “médicos das almas” e sua atuação não se restringia ao corpo espiritual, mas se referia também ao corpo social e político<sup>47</sup>, contudo o número de bons pregadores era escasso, fato que exigia muitas vezes a contratação dos mesmos para realizarem alguma missa ou sermão em períodos de quaresma ou missas dominicais<sup>48</sup>.

Se no Brasil houve uma relativa difusão da fé cristã e um grande empenho por parte da Ordem em se manter no poder, em outras navegações Lusãs a situação demonstrou-se bastante diferente. Um estudo sobre a Igreja Militante na Expansão Ibérica refere que este foi o caso principalmente das missões voltadas para o Oriente, onde a fé cristã teve de se contrapor a religiões já bastante arraigadas, algumas das quais bastante díspares do catolicismo romano<sup>49</sup>. Além disso, as culturas das Índias apresentavam outras barreiras que não somente a religião, como a língua, cujo domínio foi imprescindível para os progressos que os Cristãos tiveram, bem como as questões políticas e culturais, como, por exemplo, o sistema de castas dos Hindus que não permitia a conversão ao cristianismo exceto se o convertido abandonasse o sistema de organização social, ou fosse banido por ele devido a, por exemplo, a contaminação coercitiva por carne empreendida por alguns missionários<sup>50</sup>.

No Japão a atuação dos membros da Companhia de Jesus remonta à questão histórica das relações entre a Coroa Lusã, os missionários e os sucessivos Governos, até a Unificação do Japão. Os grandes responsáveis pela Unificação do Japão foram, por Ordem cronológica, Nobunaga, Hideoshi e Ieiasu<sup>51</sup>. Os primeiros dois citados apesar de

<sup>43</sup> Santos: 67.

<sup>44</sup> Ibid.: 68.

<sup>45</sup> Ibid.: 67.

<sup>46</sup> Castelnau-L’Estoile, 2006: 209, Citado por Santos, 2007: 81.

<sup>47</sup> Massimi, 2010: 58-59; Massimi, 2005.

<sup>48</sup> Morán & Gallego, 1995: 125-128.

<sup>49</sup> Boxer, 2007: 119-120.

<sup>50</sup> Ibid.: 124.

<sup>51</sup> Leonard, 1973:137-146.

algumas contendas apresentavam certa tolerância à propagação do cristianismo por deterem interesses no comércio marítimo com Portugal. Contudo, já neste momento havia a preocupação da parte dos japoneses acerca do poder acumulado pelos religiosos e da vulnerabilidade que a presença destes influenciando no comércio suscitavam à nação. Ao longo dos anos, apesar da existência de alguns editos que exigiam a expulsão dos cristãos, estes nunca foram devidamente levados a cabo<sup>52</sup>.

Contudo, a situação dos jesuítas foi revertida com a chegada da embarcação Holandesa *Liefde*, comandada por Will Adams, um holandês de religião protestante que ganhou a confiança de Ieiasu e tornou-se seu conselheiro particular. A influência de Adams resultou em 1613, no decreto de um novo edito de Expulsão o qual fez-se cumprir. Em 1623, ao herdeiro da Dinastia Tokugawa sucedeu o filho Iemistu e, com ele, iniciou-se um período de perseguição e martírio aos cristãos. A política japonesa dos anos subseqüentes foi voltada ao rompimento do contato do País com o exterior, tendo seu ápice em 1637, quando uma embarcação portuguesa levou missionária a Nagasaki buscando reestabelecer relações cordiais com o Japão, mas quase todos os emissários foram executados<sup>53</sup>. Após essa data, o Japão permaneceu fechado ao exterior, mantendo contato restrito a três embarcações anuais holandesas, que aportavam trazendo apenas mercadorias e pouquíssimas informações sobre o Ocidente.

Depreende-se, deste modo, que os Padres Gerais e Provinciais da Companhia tiveram de lidar com questões cruciais para o planejamento e preservação da presença da Ordem nos diversos países do Oriente. Ainda sim, apesar das limitações, pode-se concluir que houve progressos e méritos para a Ordem nestes países<sup>54</sup>.

### **Um estudo comparativo de Catálogos Trienais da Assistência Lusitana**

Os catálogos trienais da Companhia são mais do que somente um registro de pessoas; são também documentos que revelam a aplicação dos saberes psicológicos naquela época: com efeito, tais documentos, além de serem registros da quantidade e qualidade dos membros da Companhia nos diversos lugares de sua presença, revelam a aplicação de um sistema articulado e organizado de conhecimento para a distribuição dos vocacionados nos diversos locais da presença missionária da Companhia, o qual atribuía determinadas funções a partir das características e dos traços de comportamento que cada membro apresentava.

A presente pesquisa se põe nesta perspectiva, buscando comparar catálogos segundos da Assistência Lusitana elaborados em diversas Províncias da mesma, num dado período. Abrange um recorte temporal dos anos 1653 a 1660, aproximadamente. Foram analisados os catálogos de 1654, 1657 e 1660 do Brasil; os catálogos de 1655 dos Colégios Portugueses: “Colégio Conimbricense”, “Colégio Bacharensis”, “Colégio Portuense”, “Colégio Scalabitani” “Colégio Brigantini”, “Colégio Angrensis”, “Colégio Sivi Michaelis” e “Colégio Fayalensis” que foram estudados agrupados por seguirem

<sup>52</sup> Leonard, 1973: 161-162.

<sup>53</sup> Ibid.: 163-164.

<sup>54</sup> Para maiores informações, vide Boxer, 2007.

uma distribuição de envio de vocacionados semelhante, ou seja, com o predomínio de vocacionados cujo temperamento foi classificado como colérico e colérico-sanguíneo e os demais temperamentos apresentavam-se em uma disposição bastante próxima. Também, foram analisados os catálogos das Províncias de Lusitânia e Transtagana do ano de 1658. Por fim, foram analisados os registros de 1659 dos catálogos japoneses.

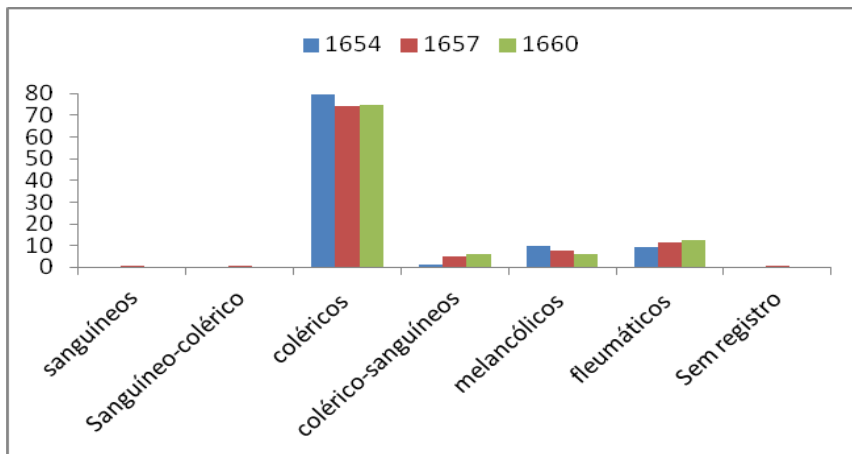
Procedeu-se a categorização de cada um dos indivíduos listados, tendo como crivo a classificação do sub-item *compleição* ou *temperamento*, tornando possível realizar um levantamento estatístico da frequência de indivíduos dentro de cada categoria, possibilitando a comparação entre diferentes grupos, a saber: “sanguíneo”, “sanguíneo-colérico”, “sanguíneo-melancólico”, “sanguíneo-fleumático”, “colérico”, “colérico-sanguíneo”, “colérico-melancólico”, “melancólico-sanguíneo”, “melancólico-fleumático”, “melancólico-colérico”, “fleumático”, “fleumático-melancólico”, “fleumático-sanguíneo”, “fleumático-colérico”.

Como houve uma grande diferenciação entre o número de vocacionados enviados para cada localidade, as análises foram realizadas em proporção, ou seja, com base nas porcentagens e não em relação aos dados brutos. A distribuição foi realizada em termos da frequência de indivíduos dentro do número de registros contabilizados, visando estabelecer parâmetros comparativos, uma vez que os registros eram bastante variados. Tem-se a seguir a tabela que resume o total de registros:

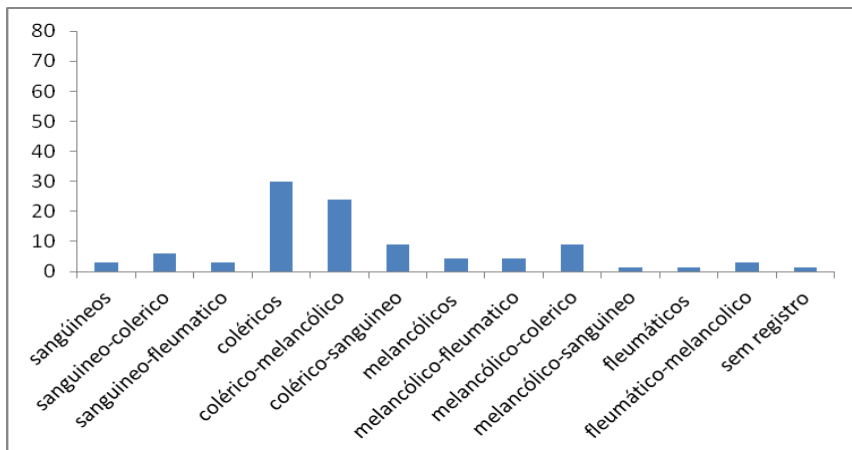
Tabela 1 – Total de registros contabilizados nas diferentes localidades e datas em que os catálogos foram produzidos.

Local/Ano	Nº de registros contabilizados
Brasil (1654)	162
Brasil (1657)	184
Brasil (1660)	191
Japão (1659)	67
Colégios Portugueses (1655)	306
Província Transtagana (1658)	375
Província Lusitânia (1658)	312

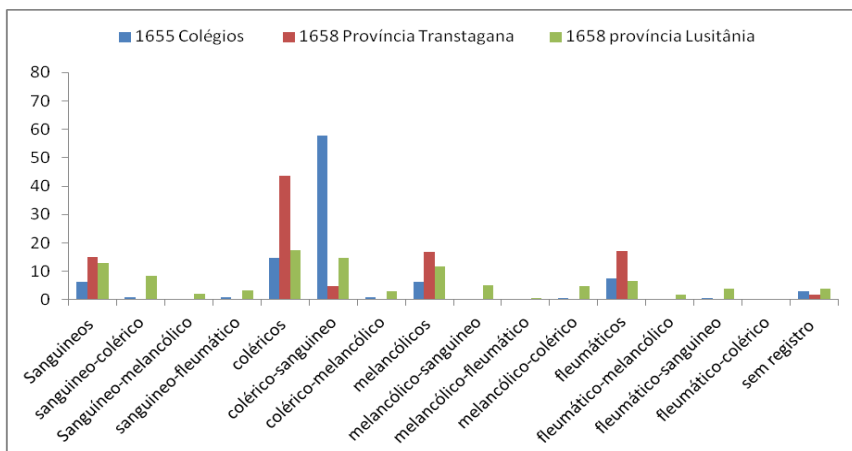
A seguir, tem-se a distribuição de membros da Companhia de Jesus dentro de cada categoria especificada.



Brasil



Japão



Portugal

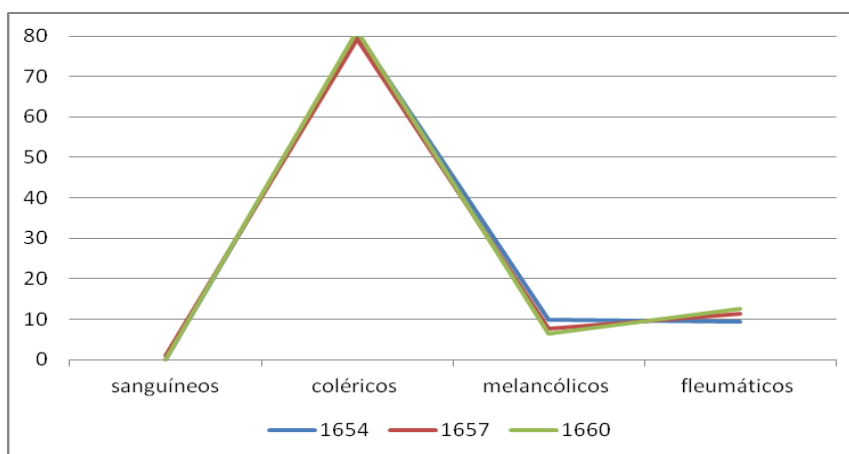
A comparação dos dados permite deprender alguns pontos interessantes como, por exemplo, a grande variabilidade na distribuição e classificação de temperamentos nos diferentes países e regiões.

Realizando uma análise da Porcentagem de membros da Companhia com base no agrupamento das diferentes categorias em categorias maiores, definidas pelo humor predominante: “Sanguíneo”, “Colérico”, “Melancólico”, “Fleumático”, tem-se os seguintes dados:

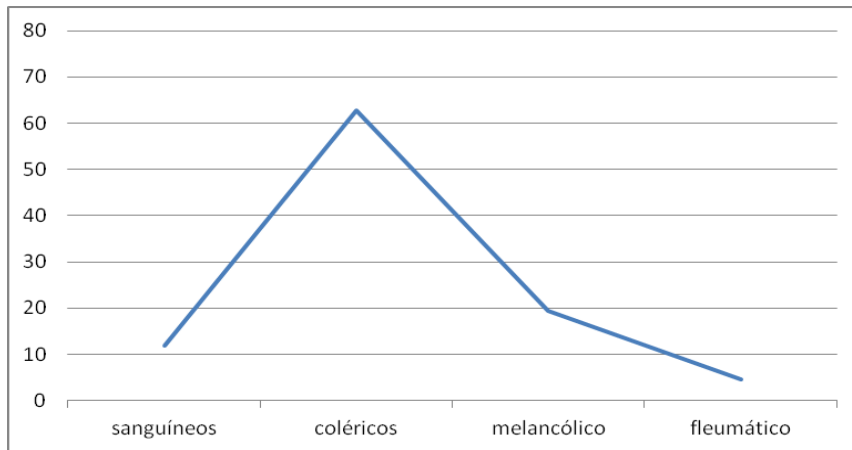
Tabela 2 – Distribuição Percentual de membros da Companhia nos diferentes países de acordo com o temperamento predominante.

	Portugal			Japão	Brasil		
	Colégios	Prov. Transtagana	Prov. Lusitânia		1654	1657	1660
Sanguíneo	8,2	15,6	26,5	11,9	0,0	1,1	0,0
Colérico	73,5	48,5	35,0	62,7	80,9	79,3	81,2
Melancólico	7,2	16,7	22,3	19,4	9,9	7,6	6,3
Fleumático	8,2	17,2	12,3	4,5	9,3	11,4	12,6

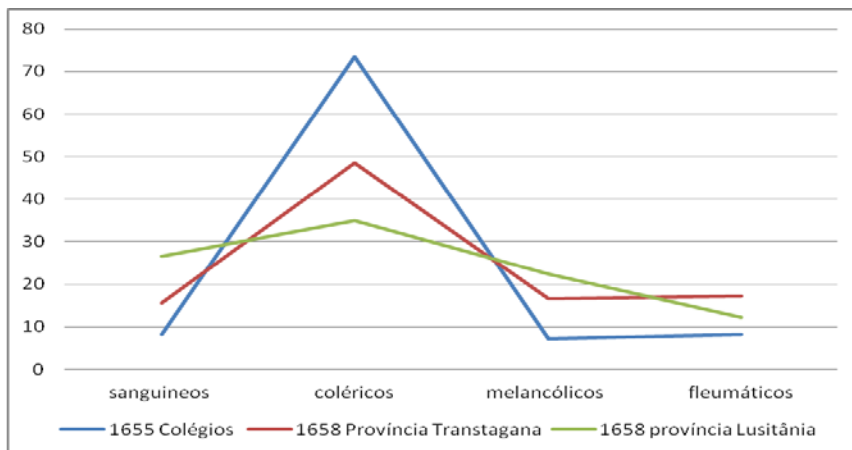
Visando facilitar a compreensão dos dados, estes foram organizados na forma de gráficos:



Brasil



Japão



Portugal

As linhas traçadas dos gráficos seguem tendências muito próximas, sugerindo o predomínio da compleição Colérica na maioria dos catálogos analisados. Tais índices superam consideravelmente os demais, mas na Província Lusitânia a distribuição dos temperamentos demonstra-se bastante equilibrada não havendo um predomínio acentuado de um temperamento sobre os demais, ainda que Temperamento colérico desponte como o maior índice (35%).

O mesmo não pode ser dito dos demais indicadores, uma vez que a proporção de Sanguíneos, Melancólicos e Fleumáticos apresenta-se bastante variável. A distribuição dos membros da Ordem cujo temperamento é classificado como “sanguíneo” aparecem sempre em proporções bastante reduzidas, exceto na Província Transtagana, onde aparecem em aproximadamente 15,6% dos registros ou na Província Lusitânia onde apresentam seu maior índice, de 26,5%. Já em relação ao Humor Melancólico, este se apresenta em níveis mais altos na Província Lusitânia (22,3%), Japão (19,4%) e

Transtagana (16,7%), se comparado à media da amostra ( $x=10,3$ ). A classificação do temperamento Fleumático destacou-se na Província Transtagana (17,2%), diferenciando-se da média dos demais países (10,8).

Outro fato perceptível é a grande semelhança entre as linhas apresentadas nos catálogos Brasileiros ao longo dos anos explicitados no recorte temático, o mesmo não ocorreu com os registros dos Catálogos produzidos em Portugal, uma vez que o catálogo do ano de 1655 dos colégios portugueses varia consideravelmente dos catálogos de 1658, referentes a duas províncias: a “Província Transtagana” e a “Província Lusitânia”, pois apresentam divergências consideráveis em relação à distribuição dos temperamentos dos vocacionados nestas duas Províncias e entre elas e os catálogos anteriores.

### 1543-1660: Um período conturbado Para Portugal e as Colônias

A Nação Portuguesa passava por um momento histórico bastante controverso após a crise de 1640 onde se apartaram da Monarquia Espanhola, e sofriam consequências das perdas de antigas alianças ultramarina com Inglaterra e Holanda, antigas rivais da Espanha<sup>55</sup>. Contudo, no que tange a questões internas, os primeiros anos do reinado de D. João IV se apresentam bastante conturbados por diversos fatores, dentre os quais se podem citar: as críticas tecidas à governança de D. João IV que resultaram inclusive na tentativa de assassinato do Rei, questões fronteiriças, intrigas nos palácios, deserções da nobreza, e a prisão D. Duarte, irmão do monarca, em Ratisbona, por tropas a serviço do Império alemão em, 1641<sup>56</sup>. Se por um lado houve fatores descentralizastes, fatores de estabilidade podem ser indicados como a busca dos diplomatas a serviço da Coroa por partidários para a causa da Restauração na Catalunha, Londres, Haia, Paris; o nascimento de D. Afonso, em 1643, bem como a busca na corte francesa por uma noiva para o Príncipe D. Teodósio<sup>57</sup>.

Nos anos que se seguiram, a nação Lusa buscava apoio visando manter a Restauração da Coroa, protegendo seu território da redominação espanhola. Coube à Inglaterra, em 1642, o papel de único negociador possível para Portugal. As negociações com Carlos I foram bem sucedidas, mas logo se desfizeram uma vez que eclodiu a Guerra Civil na Inglaterra onde, sete anos depois, Carlos I foi julgado e executado, cabendo ao Rei João IV negociar com o novo Regime de Cronwell, embora o desprezasse. As negociações foram complicadas, e revelaram-se bastante onerosas para Portugal, mas eram a única garantia de sua proteção e da permanência de suas negociações portuárias<sup>58</sup>. Posteriormente a Inglaterra entrou em Guerra com a Espanha em 1655 e, nos anos de 1656 e 1657, Portugal se viu aliviada das pressões espanholas uma vez que os portos desta segunda nação foram fechados e a Inglaterra apreendeu frotas de prata Espanhola<sup>59</sup>.

<sup>55</sup> Disney, 2009: 226-228.

<sup>56</sup> Garcia, 2012: 170.

<sup>57</sup> Garcia, 2012: 170-171.

<sup>58</sup> Disney, 2009: 226-227.

<sup>59</sup> Ibid: 227.

Portugal ainda enfrentava dificuldades com os países Holandeses por terem perdido territórios para eles durante o período em que a Holanda se opunha à dominação espanhola. Com a Restauração Portuguesa foi possível reabrir as negociações, uma vez que outrora foram países aliados, sendo assinada em 1641 uma trégua entre as partes envolvidas. Contudo, ainda sim, houve um intervalo até que essa decisão chegasse às terras além-mar e, portanto, as navegações mercantis holandesas, associadas na Companhia das Índias Orientais (WIC) puderam apossar-se de riquezas Lusitas inclusive o Maranhão, no território Brasileiro em 1642. A trégua passou a vigorar somente em 1644 na Ásia, onde logo foi quebrada. Portugal não via forças para expulsar as frotas holandesas até que os próprios habitantes de Pernambuco se revoltaram contra o domínio das WIC, revigorando as forças Portuguesas. Em 1656, com o falecimento de D. João IV, a ameaça espanhola persistia sobre Portugal mediante a aliança franco-hispânica recém-firmada, fato que obrigou a Rainha mãe a reforçar os tratados com Cromwell. Contudo, após a morte de Cromwell, em 1658, o poder de Carlos II foi restaurado em 1658, fato que repercutiu positivamente nos tratados Luso-Ingleses<sup>60</sup>.

Tendo estabelecido brevemente um panorama acerca do contexto econômico-político, algumas considerações acerca dos catálogos podem ser feitas. Em primeiro lugar, a superioridade numérica de membros da Ordem inscritos em Portugal pode estar relacionada ao fato de que Portugal era um País católico, colonizador e responsável pela emissão de Missionários dos colégios que continha para os países colonizados. O período revelava uma grande estruturação e possivelmente a diversidade de distribuições nas diferentes Províncias Lusitas decorria desta série de transições e disputas pela qual Portugal passou naquela década. Sabendo a característica dos Jesuítas de atuarem ativa e politicamente em seus contextos, é esperado que eles estivessem próximos a tais questões.

Já o Brasil advinha de uma história relativamente longa de evangelização, e, durante o recorte temporal selecionado, os colégios atuavam em pleno vigor<sup>61</sup>. Percebe-se pelos episódios citados que as consequências das relações entre Portugal e os demais países europeus repercutia diretamente nos fatos que ocorriam no Brasil, mas mesmo assim que o oposto também era válido, como no exemplo de Pernambuco.

O mesmo pode ser dito da história do catolicismo nas províncias nipônicas, pois novamente tem-se a interveniência de fatores políticos e econômicos repercutindo nas consequências diretas da colonização e que marcaram inclusive seu desenvolvimento posterior. A colonização das terras asiáticas foi bastante conturbada desde sua chegada, sendo que a implementação do cristianismo nestes locais onde a população era reconhecida pelo seu caráter belicista, esteve marcada pelo apoio e interesses de políticos de autoridades locais. Os catálogos do Japão datam do período em que vigorava a Dinastia Tokugawa, após a perseguição e dizimação de milhares de missionários, religiosos e cristãos convertidos e quando o Japão estava fechado para os países católicos, mantendo contato esporádico apenas com a Holanda, um país Protestante<sup>62</sup>. Depois de 1644, os jesuítas foram desterrados do Japão permanecendo

<sup>60</sup> Ibidem.

<sup>61</sup> Santos, 2007; Bangert, 1990.

<sup>62</sup> Leonard, 1973:164-165.



fora do País até 1773<sup>63</sup>: viviam no Colégio de Macau e nas Filipinas e de lá partiam enviados para as regiões missionárias do sudeste asiático. Assim, a presença dos catálogos evidencia que os jesuítas mesmo em diáspora a Góia, continuaram sua inserção institucional à missão no Japão, como também mantiveram registros desta, possivelmente na esperança de um regresso àquelas terras. A situação local marcada por um clima de hostilidade e perseguição poderia ser justificativo de peculiaridades destes catálogos como, por exemplo, o fato dos membros referenciar-se uns aos outros como “sujeitos” diferindo dos catálogos estudados dos demais países e províncias os quais eram denominados “Padres Irmãos”.

### As teorias dos Temperamentos e a Distribuição na Ordem

As teorias antropológicas disponíveis na época para classificar os indivíduos além de respaldar o conhecimento acerca do homem daquele período, orientavam as decisões acerca da função e do trabalho de cada um no conjunto do grupo. Quanto ao uso da teoria dos temperamentos no âmbito da Companhia de Jesus nos séculos XVI e XVII, é preciso levar em conta que naquele período, diversos autores os quais lidam e tipificam as características atribuídas a cada um dos temperamentos com base na teoria humoral<sup>64</sup>. Ainda vigora a concepção de que nos temperamentos uniformes, predomina o equilíbrio entre as quatro qualidades proporcionalmente. Quanto aos temperamentos disformes, são assinaladas quatro categorias principais: o Colérico determinado pela presença de grande quantidade de bílis amarela acompanhada por calor e de secura; Sanguíneo, caracterizado pela prevalência de sangue e de calor e umidade; Fleumático, caracterizado pela prevalência da fleuma combinada com frio e umidade; Melancólico, caracterizado pela prevalência da bílis negra com frio e secura<sup>65</sup>. A definição dos temperamentos individuais depende da combinação destas quatro qualidades, de modo que ao se misturarem, podem originar outros tipos de temperamento como o colérico-melancólico, onde predominaria a secura na combinatória entre calor e secura, ou colérico-sanguíneo, onde predominaria o calor<sup>66</sup>.

A Teoria humoral do século XVI associa algumas características de personalidade à composição de humores no corpo individual que resulta num temperamento específico<sup>67</sup>: o temperamento sanguíneo oferece menor resistência aos apelos de natureza sexual<sup>68</sup>; além disso, os sanguíneos são descritos por Lemnio<sup>69</sup> como inconstantes e volúveis, contudo, se apresentados em conjunto com outros humores podem servir de fonte de alimentação para o espírito. Segundo Lemnio, a bílis, de qualidade quente e seca, favoreceria o pensamento, de modo que o temperamento Colérico apresenta características como velocidade, ímpeto, inquietação, fluência no discurso. Os coléricos podem ser coléricos *adustos*, ou seja, excessivamente coléricos e,

<sup>63</sup> Bangert, 1990.

<sup>64</sup> Massimi, 2010: 11-14.

<sup>65</sup> Ibid.: 23-24.

<sup>66</sup> Ibid.: 24.

<sup>67</sup> Massimi, 2010: 30-33.

<sup>68</sup> Ibid.: 30

<sup>69</sup> Citado por Massimi, 2010: 32- 33.

portanto, apresentam certa dificuldade ao lidar com os impulsos<sup>70</sup>. A combinatória do Colérico-Sanguíneo/colérico-melancólico proporciona maior predisposição à ação ao heroísmo e suporte de adversidades devido ao excesso de humor cólera<sup>71</sup>. Já o temperamento melancólico, quando equilibrado favorece a prudência e se combinado com o calor pode ser indicativo de constância e firmeza. O humor melancólico favorece as atividades intelectuais, sendo que a característica úmida da melancolia quando no estado quente e fluido é melhor do que a biliar para o pensamento, ainda que os humores que possuem mais fogo sejam também aptos a servir ao pensamento<sup>72</sup>. Por fim, no temperamento fleumático, a predominância da fleuma é tida como causadora de letargia do pensamento: trata-se de pessoas menos aptas para habilidades como entendimento, memória e estudos, pois o calor que serve para estimular o engenho neste temperamento é inibido pela qualidade úmida, contudo tais características favoreceriam a realização de ofícios domésticos<sup>73</sup>. Apesar de haver a predominância dos humores, há também a descrição da existência de combinatórias entre os humores dos quais pode resultar uma boa disposição para o engenho.

Sabendo disso, é possível analisar segundo esta lógica a distribuição dos vocacionados classificados por temperamentos nos catálogos dos diferentes países.

A começar por Portugal, o predomínio de colérico-sanguíneos e de coléricos nos Colégios em 1655, sugeririam a presença da predisposição ao enfrentamento de desafios, ao heroísmo e à superação das adversidades, conforme citado anteriormente, devido ao fato dos colégios serem novos contextos e de haver uma prerrogativa que é própria da Companhia de Jesus de trabalhar nas missões; portanto é esperado que houvesse esses índices maiores.

Os gráficos e tabelas supracitados permitem depreender que a distribuição de missionários nos Colégios de 1655 são semelhantes às distribuições de missionários no Brasil, sendo que para ambos os casos há predomínio absoluto de coléricos em relação aos demais índices, que aparecem reduzidamente de forma mais equilibrada, sugerindo que os contextos empreendidos ainda apresentavam um caráter inovador, que exigiria dos vocacionados uma força de espírito. Um fato que merece destaque refere-se ao número praticamente nulo de sujeitos classificados como sanguíneos no Brasil, enquanto nos colégios portugueses daquele ano esteja por volta de 8,2%, tais dados sugerem que os membros organizadores da Ordem não julgavam pertinente ou preferiam manter reduzido o envio de membros da Companhia cujo temperamento predominante fosse sanguíneo. Possivelmente, tal fato seria devido à inconstância inerente a esse temperamento, mas também à sua susceptibilidade aos prazeres da carne, uma vez que os missionários brasileiros de modo geral atuavam em colégios, mas também junto às aldeias indígenas. Tal argumento pode ser apoiado por meio de estudos e cartas de denuncia enviadas entre Roma e a Província em que se afirma que o pior problema enfrentado nas missões se refere à sexualidade, sendo que a quebra do voto de

<sup>70</sup> Ibid.: 29.

<sup>71</sup> Massimi, 2010: 32.

<sup>72</sup> Ibid.: 32-33.

<sup>73</sup> Massimi, 2010: 32.

castidade ocorria não somente por padres nascidos na colônia, mas também por padres formados em Portugal<sup>74</sup>.

Se por um lado, a comparação dos gráficos dos colégios portugueses de 1655 com os catálogos Brasileiros seguiu uma tendência muito próxima, por outro, os catálogos do ano de 1658 das Províncias Transtagana e Lusitânia diferiram completamente. Desse modo, para compreender melhor a distribuição dos índices da província Lusitânia e da Transtagana é necessário compreender os aspectos que concerniam a tais Províncias.

A Província Transtagana referia-se a uma região do Alentejo, caracterizada pela agricultura de trigo e criação de gado, ademais era uma região pouco povoada dada os conflitos com mouros naquela região, conforme registros de relatos históricos e estatísticos:

*A guerra, que á pouco nos deixou dêo a ultima demão ao estrago da Provincia Transtagana: todos sabem as mui variadas maneiras desta terribilissima luta; basta que lembre ao bom Cidadão, ao bom patriota, que os Portuquezes se estragarão huma e muitas vezes para enfraquecer o inimigo nas suas arrebatadas invasões, defesa dura, porém necessaria, e de prospero e milagroso resultado.*

*Se os factos ruinosos da Agricultura do Alemtêjo são visiveis, he mister remedia-los de huma vez com energia, porque he bem sabido que não pôde haver população sem Agricultura, e que esta sem aquella também não existe são ambas as simultaneas promotoras da felicidade nacional<sup>75</sup>*

Sendo uma das quatro vilas fortificadas, a Província do Alentejo remete à luta de Portugal pela sua soberania e independência apesar dos ataques que sofreu, pois sua localização junto à Espanha tornou-a ponto estratégico de oposição às incursões inimigas desde a Idade Média<sup>76</sup> e também foi palco das principais operações militares quando ocorreu a Guerra da Restauração<sup>77</sup>.

Outros arquivos relatam que na região do Alentejo havia oito comarcas<sup>78</sup>, dentre as quais pode-se citar Évora, conhecida por seu caráter militante e por ser uma comarca fortificada onde se situava a Universidade dos Jesuítas<sup>79</sup>.

A Província Transtagana apresenta, conforme as outras distribuições o predomínio de sujeitos de compleição predominante colérica (48%), contudo, seus demais índices aparecem bastante equilibrados. Dado o contexto citado para tal província, esta distribuição parece ser condizente, uma vez que o caráter beligerante de combate às invasões mouras e domínio do território pressupõe a necessidade de sujeitos

<sup>74</sup> Castelnau-L'Estoile, 2006: 321-325.

<sup>75</sup> História e Memória da Academia Real das Ciências de Lisboa, 1817: 72.

<sup>76</sup> Coutinho, 2007: 139.

<sup>77</sup> Ibid.: 146.

<sup>78</sup> Costa, 1868: 279.

<sup>79</sup> Para saber mais sobre Évora, vide Tratado I, cap I: Da comarca de Évora (: 279-287) da mesma obra.

de temperamentos mais quentes como os sanguíneos (15,6%) e os coléricos; estes últimos também são imprescindíveis para as atividades intelectuais desenvolvidas na Universidade de Évora centro intelectual da Companhia localizado nessa região, de modo que a presença de melancólicos (16,7%), propensos à atividade intelectual e coléricos também seria reforçada.

Outro ponto que aparentemente apresenta elementos de convergências entre a teoria humoral e a distribuição de missionários refere-se ao caráter agrário desta comunidade, cujo plantio é qualificado como fonte para outras regiões de Portugal embora seja um ambiente bastante inóspito. Neste contexto, possivelmente, os sujeitos da Ordem que poderiam ser designados como mais adequados para desempenhar atividades de plantio e ocupação das terras seriam aqueles classificados como fleumáticos e estes aparecem em uma proporção elevada em comparação aos demais catálogos (17,2%). Este caráter “misto” da Província Transtagana que tem atividades intelectuais bastante efusivas, considerado que a universidade de Évora era referência do ensino jesuíta e que lá os estudos eram bem mais aprofundados do que outros colégios, somado aos fatores fronteiriços e necessidade de ocupação do território sugerem uma distribuição mais harmônica de temperamentos dos vocacionados enviados, fato que foi corroborada pelo catálogo estudado.

Quanto à outra Província, conforme relatos históricos, o nome da Província Lusitana era dado a uma região que, no período pré-romano, veio a ser ocupada e futuramente se tornou, em parte, terras de Espanha, em parte, de Portugal<sup>80</sup>. Contudo, os registros cartográficos não são precisos para que se possa afirmar que a região Lusitana referida no catálogo descenda deste território.

Contudo, é sabido que os portugueses e, com conseguinte, os jesuítas referiam-se à Lusitânia como Portugal, de modo que é possível assumir que este catálogo abrangia às demais Províncias de Portugal, exceto a Transtagana, pelos seguintes motivos: ambos foram elaborados no mesmo ano; na descrição dos catálogos das Províncias Lusitânia e Transtagana não constaram separadamente os colégios do triênio anterior, portanto, pode-se depreender que estes estejam inclusos agrupados na Província Lusitânia e que podem ter sido elaborados separadamente dos catálogos Transtagana, devido à sua importância estratégica (por conter a única Universidade dos Jesuítas e pelo tipo de ocupação e caráter belicista vivenciado) ou por questões de comunicação, por exemplo.

Assumindo tal hipótese como verdadeira, esta seria explicativa da distribuição mais branda da Província Lusitânia, sendo esta a província com o menor número de coléricos, contudo o número de sanguíneos e melancólicos parece bastante elevado (26,5% e 22,3%, respectivamente) compondo os maiores índices para ambos temperamentos dentre todos os catálogos. Os fleumáticos (12,3%) apresentam índices elevados em comparação com os demais catálogos, embora estejam despontado como o menor número de vocacionados. Os dados obtidos podem ser sugestivos de que os colégios consolidados na Província Lusitânia, embora estivessem vivenciando um momento político bastante delicado, conforme citado anteriormente, não estavam localizados em ambitos de conflitos e encontravam-se em franco desenvolvimento. Desse modo, a presença de melancólicos, temperamento voltado para as atividades

<sup>80</sup> Disney. 2009: 21-23.

intelectuais e docentes, é significativa e relacionada ao desenvolvimento dessas atividades nos colégios. Ao mesmo tempo, possivelmente, os indivíduos de temperamento colérico fossem direcionados para outras regiões que precisassem mais de sujeitos que fossem bons pregadores, corajosos, heroicos e que não temessem empenhar-se em novos contextos. Disso derivaria, menor número de coléricos nesta Província, ainda que seja proporcionalmente, pois em números absolutos, dada a quantidade de membros inscritos naquele catálogo (312 sujeitos no total), trata-se de uma quantidade considerável de membros da Companhia.

A questão dos sujeitos sanguíneos é mais complicada para se refletir, uma vez que a descrição dada por Lemnio aos sujeitos com este temperamento predominante parece muito distante com os ideais preconizados pela Ordem e, talvez, seja este o motivo de sua concentração na Província Lusitânia: para que melhor pudessem aprender as regras de discernimento dos espíritos, as regras do bem fazer e da moderação, da Hierarquia e da Ordenação interna e externa, preconizada pelos ideais inicianos que foram devidamente repassados e incorporados à Companhia de Jesus.

Por fim, o reduzido número de fleumáticos poderia ser explicado da mesma forma, considerando que sua adequação às atividades intelectuais dos colégios seja menos frutífera do que o aproveitamento de suas outras habilidades favoreceria que eles estivessem em menor número na Província Lusitânia, embora provavelmente fossem úteis em outras funções que a Companhia de Jesus desempenhava junto à Coroa Lusa, como o trabalho no Hospital Real ou com presos, por exemplo, ou eram redirecionados para contextos que lhes fossem mais favoráveis e onde pudessem utilizar melhor suas habilidades como no Brasil e na Província Transtagana, por exemplo, onde a ocupação e o desenvolvimento de afazeres domésticos auxiliavam a inserção dos jesuítas naquele contexto.

Retomando os catálogos produzidos no Brasil além dos fatos citados anteriormente, chama atenção a proximidade das linhas de distribuição de missionários nos anos em que foram produzidos os catálogos. Tal fato é sugestivo de que o contexto da colônia brasileira não sofreu grandes alterações no perfil de missionários que deveriam ser enviados. Tal fato poderia ser indicativo de certa adaptabilidade desta configuração de envio de membros ao contexto empreendido ou aos efeitos reduzidos do contexto nas atitudes tomadas pelos Jesuítas ante o envio de vocacionados para a colônia, embora ela tenha se modificado ligeiramente no decorrer dos anos.

Assim, o expressivo número de coléricos e colérico-sanguíneos é condizente com o esperado, pois as terras Brasileiras necessitavam de bons pregadores e de sujeitos que não temessem empreender atividades com gentios ou que fossem corajosos e eficientes em estabelecer relações com autoridades do território e confronta-las quando necessário, sendo este o perfil ótimo para os coléricos, além dos colégios jesuítas, que eram importantes. A presença de melancólicos, que provavelmente se referia a membros que ocupariam carreiras intelectuais nos colégios, foi se reduzido ligeiramente ao longo dos anos, fato que pode ser significativo de que o contexto exigia um pouco mais do que eles poderiam sustentar ou que os membros da Ordem perceberam que outros perfis poderiam ser mais úteis naquele contexto. O contrário pode ser dito dos fleumáticos cujas porcentagens aumentaram ao longo dos anos, possivelmente porque poderiam ser úteis nos aldeamentos indígenas onde eles poderiam estar desempenhando atividades de

cuidados domésticos e repassando os costumes do catolicismo europeu na prática cotidiana aos gentios. Observar a tendência de inversão que ocorreu entre os melancólicos e fleumáticos na colônia brasileira permite refletir que o envio de vocacionados era constantemente repensado para que melhor se adequasse ao modelo de sociedade em que a Companhia de Jesus buscava se estabelecer.

Já nas terras nipônicas a distribuição dos missionários é bastante diversificada, apesar do número de missionários ser bastante reduzido. Neste caso, em consonância com os demais países, há também um elevado número de coléricos, mas a proporção de sanguíneos no Japão (11,9%) supera os índices do Brasil que são muito próximos de zero, mas o mesmo não pode ser dito nos Catálogos advindos de Portugal das Províncias Lusitânia (26,5%) e Transtagana (15,6%). Refletindo acerca do contexto vivenciado pelo Japão naquele período e pela Província Transtagana, pode-se estabelecer uma comparação entre ambos, considerando as necessidades próximas que estes conviviam, de modo que ambas as províncias lidavam com ameaças beligerantes e possibilidade de conflitos, além do fato de que os Jesuítas que estavam aos arredores do Japão, colocavam-se em risco quando faziam incursões para reestabelecer as instituições religiosas, do mesmo modo, os ocupantes da Província Transtagana tinham de lidar com as ameaças dos Mouros de ocupação territorial e propagação de outra religião. Percebe-se a semelhança entre ambos os territórios no que se referem aos riscos corridos tendo como base a questão religiosa, deste modo, pessoas sanguíneas e coléricas, com seus temperamentos aquecidos maior impulsividade embora menos reflexivo (para os primeiros), com um caráter mais ativo e sagaz (para os segundos) poderiam ser úteis nos desenvolvimentos desta empreitada.

Outro índice que emerge de forma interessante refere-se ao número de melancólicos e fleumáticos cuja proporção é muito próxima na distribuição dos demais países, contudo para as Províncias nipônicas, estes índices diferem consideravelmente, sendo que há cerca de 19,4% “sujeitos” cuja compleição dominante é melancólica e 4,5% de compleição fleumática, sendo este último o menor índice de fleumáticos em todos os países estudados. Esta tendência difere dos demais catálogos, contudo, pode-se depreender que a Província Lusitânia siga uma linha parecida tendo os índices de 22,3% e 12,3% para Melancólicos e Fleumáticos, respectivamente. Tal fato pode ser sugestivo de que os membros da ordem cujo temperamento melancólico predominava poderiam ser úteis dado ao fato dos japoneses admirarem e se adaptarem às atividades intelectuais, bem como a questão dos colégios que se mantiveram nas proximidades das terras nipônicas mantidos com o auxílio de japoneses convertidos. Contudo, no que se refere aos sujeitos fleumáticos, tal qual a província Lusitânia, os índices baixos podem ser relativos ao fato de que suas habilidades não tinham tanta aplicabilidade nestes contextos quanto nos outros e, no caso das províncias nipônicas, considerando o fato de que eram descritos pela letargia no pensamento inerente às pessoas com este temperamento predominante, ante a necessidade de atitudes e sagacidade em relação às dificuldades do ambiente, considerando a importância dada às atividades de pensamento e o risco vivenciado pelos vocacionados de serem pegos em alguma armadilha poderia significar a sua execução. Então não seria muito indicado o envio de muitos vocacionados com este temperamento para aquela região embora pudessem expressar sua utilidade no convívio com a população por meio do aprendizado dos costumes e da cultura daqueles povos.

A análise das linhas de agrupamento dos temperamentos sugerem alguns pontos interessantes, como, por exemplo, o fato de que todos os catálogos revelam um número expressivo de coléricos e colérico-sanguíneos, de forma que talvez esse tipo de temperamento seja uma característica comum aos membros da Ordem ao invés de ser algo específico de alguns países, ou seja, possivelmente pessoas que são mais afeitas de aventuras e heroísmos podem se identificar melhor à Ordem jesuíta e, portanto ingressar nela. Com efeito, nas biografias da Companhia as personalidades modelares de Inácio e Francisco Xavier são descritas como tendo temperamento colérico<sup>81</sup>.

Uma segunda hipótese refere o fato de que as conjunturas sociopolíticas intrincadas vivenciadas pela Companhia em cada um dos três países referenciados sugeriam a escolha de membros que correspondessem melhor a esse tipo de perfil, uma vez que, como dito anteriormente, os jesuítas selecionavam os seus missionários, podendo participar da Ordem somente aqueles com os pré-requisitos mínimos estabelecidos pela mesma. Todavia, no presente estudo os dados parecem apontar que em três contextos geográficos muito diversos a predominância continua sendo de um dado temperamento que é o colérico com as suas variantes. A princípio, tal hipótese pareceria não poder ser sustentada, contudo, se for analisado o contexto bastante complexo em que os países dos referidos catálogos se inseriam, que envolviam conflitos e ameaças políticas/religiosas, necessidade de expansão do catolicismo nas terras além-mar, mas também o manutenção da mesma na coroa lusa, devido às mudanças advindas do humanismo, pode-se depreender que estes favoreciam a presença e coléricos e coléricos sanguíneos ao trabalho missionário.

## Conclusão

Conclui-se, portanto, que os jesuítas detinham um conhecimento e uma organização que lhes permitia desempenhar o melhor trabalho possível dentro do contexto o qual se inseriam. Os catálogos, deste modo, expressam um compêndio de saberes daquele período e podem servir de fontes para diversas outras pesquisas, pois dão pistas acerca do passado vivenciado pelos jesuítas e a forma de pensamento vigente naquele período os colocava na vanguarda entre as Ordens religiosas que mais se propagaram pelo mundo todo.

O conhecimento da teoria humoral permite reler estes documentos revelando aspectos da sociedade que poderiam estar esquecidos ou perdidos em meio a registros a princípio bastante sintéticos. De um modo geral, conclui-se que os Jesuítas daquele período, embora muito se aproximassem, por meio do predomínio de coléricos e coléricos-sanguíneos, à experiência modelar de importantes membros fundadores da Companhia, tal qual Inácio de Loyola e Francisco Xavier, ainda sim, percebe-se uma adaptabilidade e reorganização da Ordem aos contextos de modo a melhor aproveitar os potenciais humanos e as habilidades concernentes aos temperamentos e outras categorias que lhes forneciam um modelo de pessoa que incluía expectativas quanto ao que esperar de suas habilidades e onde melhor aplica-las. Desta forma, a ordem comprova novamente sua capacidade e o modo como conseguiam articular teórica,

<sup>81</sup> Massimi, 2010: 27.

política e religiosamente a concepção de homem vigente com o contexto e suas modificações pertinentes.

Sendo assim, a teoria dos temperamentos, antes mesmo que houvesse uma noção do que era psicologia, aplicava conceitos derivados da filosofia e do pensamento religioso de modo a estabelecer uma complexa tipologia cujo estudo permite retomar conceitos que até hoje nos poderiam ser úteis. Ademais, esta Ordem apresenta a especificidade de apresentar uma organização tão precisa e eficaz que lhes permitiu estabelecer um sistema coeso, embora bastante simples e criterioso, de orientação e recolocação dos vocacionados, fato que os torna digno de nota e que lhes credita o mérito de serem Orientadores Vocacionais muitos antes da gênese deste termo e da criação de métodos para tal.

## Referências

- Adittamento do artigo IV (1817). In: Historia e memorias da Academia Real das Sciencias de Lisboa. Tomo V, Parte I (pp. 69-80). Lisboa: Harvard College Library.
- Bangert, W.V. (1990). *Storia della Compagnia di Gesù*. (Trad. M.C.Rocca). Genova: Marietti.
- Boxer, C. R. (2007) *A igreja Militante e a Expansão Ibérica (1440-1770)*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Castelnau-L'Estoile, C. (2006) *Operários de uma vinha estéril: os jesuítas e a conversão dos índios no Brasil - 1580-1620*. Tradução de Ilka Stern Cohen. Bauru: EDUSC.
- Costa, A. C. (1868) Livro Segundo – Da Província do Alentejo. In: *Corografia Portuguesa e Decriçam Topografica do famoso Reyno de Portugal*, Tomo II, 2ª edição. University of Michigan Libraries.
- Costa, C. J., Crubelati, A. M. & Montagnoli, C. A. (2011) *A História da Companhia de Jesus em Portugal No Século XVI: Considerações sobre Inácio De Loyola*. Trabalho apresentado na X Jornada do HISTEDBR - História, Sociedade e Educação no Brasil. Trabalho recuperado em 10 de julho de 2014, de [http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer\\_histedbr/jornada/jornada10/trabalhos.html](http://www.histedbr.fae.unicamp.br/acer_histedbr/jornada/jornada10/trabalhos.html)
- Coutinho, A.C. A. (2007) *Imagens cartográficas de Portugal na primeira metade do século XVIII*. Dissertação de Mestrado em Estudos Locais e Regionais. Faculdade de Letras da Universidade do Porto, Porto: Edição da autora.
- Disney, A. R. (2009) *A History of Portugal and the Portuguese Empire: Form Beginnings to 1807*(Vol. 1). New York: Cambridge University Press.



- Garcia, M. (2012) Teologia e política- Acerca do Sermão de S. José, pregado pelo P. Antônio Vieira, na Capela Real, 1644. *Brotéria*, 175, 169-176.
- Leonard, J. N. (1973) *Japão Antigo* (Coleção Biblioteca de História Universal LIFE). Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora.
- Lopes, A. (1997) Os 450 anos da fundação da primeira Província Administrativa da Companhia de Jesus. *Brotéria*, 144, 79-94.
- Massimi, M. (2001) A Psicologia dos Jesuítas: Uma Contribuição à História das Ideias Psicológicas. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 14(3), 625-633.
- (2005). *Palavras, almas e corpos no Brasil colonial*. São Paulo: Loyola.
- (2010) *A teoria dos Temperamentos e suas aplicações nos Trópicos*. Ribeirão Preto: Holos Editora.
- Morán, M. & Gallego, J. A. (1995) O Pregador. In: Villari, R. (Dir) *O Homem Barroco*. (pp.117-142), Lisboa: Editorial Presença.
- Mota, A. R. S. (2003) Leitura compreensiva da estrutura dos Exercícios Espirituais de Santo Inácio de Loyola. *Revista Teologia e Ciências da Religião*. 2, 139-180.
- Santos, B. M. (2007) Missões e Colégios: os jesuítas no Brasil no final do século XVI. *Sacrilegens- Revista dos Alunos do Programa de Pós-graduação em Ciência da Religião - UFJF*, 4(1), 64-84.
- Siraisi, N. G. (1990) Psychological and Anatomical Knowledge. In N. G. Siraisi, *Medieval & Early Renaissance Medicine: An Introduction to Knowledge and Practice* (pp. 78-114). Chicago and London: The University of Chicago Press.